

50,3% no comércio. No setor terciário, a participação do capital estrangeiro era de 67,8% no transporte; 69,2% na imprensa; 89,9% na publicidade. O capital estrangeiro controlava a indústria farmacêutica, com participação de 93%; a automobilística, com participação de 90%; a indústria de construção naval, com 90%; a indústria de máquinas e equipamentos, com 73%; a indústria de vidros, com 53%. Estava presente na indústria metalúrgica, com 42%; na da borracha, com 38%; na siderúrgica, com 35%; na de papel e celulose, com 24%. Os investimentos estrangeiros haviam alcançado, em 1971, o montante de US\$ 1.789,6 milhões; os lucros novamente investidos alcançaram 1.121,9 milhões de dólares; só na indústria química, os investimentos estrangeiros atingiam a 310,8 milhões de dólares, isto é, cerca de 17% do total; na automobilística, ascenderam a 214,4 milhões de dólares e na produção e distribuição de energia elétrica chegavam a 102,3 milhões de dólares. Estatística de 1970 permitia verificar que empresas estrangeiras, considerando o balanço das dez maiores empresas de cada setor, dominavam de forma absoluta a produção de bens de consumo duráveis — guarde-se este traço — com investimentos da ordem de 2,5 bilhões de cruzeiros, contra menos de 700 milhões de cruzeiros das empresas privadas nacionais, e sem participação do Estado; elas dominavam a produção de bens de consumo não duráveis, embora em menor proporção, em relação às nacionais: 1,9 bilhões para 1,4 bilhões de cruzeiros, respectivamente. Dominavam ainda a produção de bens intermediários, com 3,7 bilhões, para apenas 1,4 bilhões de cruzeiros das empresas nacionais; mas, aqui, a produção da área estatal era maior, com 5,6 bilhões de cruzeiros. Dominavam a infra-estrutura, com 2,6 bilhões, para apenas 1,6 bilhões das empresas nacionais; mas, ainda aqui, era o Estado que tinha a participação mais importante, com quase 11 bilhões de cruzeiros. Os capitais nacionais controlavam o comércio e os serviços — setores de que o Estado não participava — mas já sentindo a ameaça dos capitais estrangeiros no último desses títulos. Assim, o capital privado nacional estava comprimido entre o investimento estatal e o investimento estrangeiro.<sup>120</sup>

As deformações a que é submetida a economia brasileira, para que se adapte ao “modelo brasileiro de desenvolvimento”, são variadas e revelam a que extremo limite chegou o esforço para estruturação de um sistema dependente com altos índices numé-

<sup>120</sup> *O Mundo Econômico*, São Paulo, julho-agosto de 1970.